

Júlia Wanderley: o jornal reforçando um ideal de mulher no magistério paranaense

DOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2025.23.2.9823>

Simone Garbelini Parro Pialarissi¹, Simone Burioli²

Resumo: Este texto tem como objetivo apresentar e problematizar por meio de algumas notas publicadas no jornal A Voz da Escola de 1941, o modo como a professora Júlia Wanderley foi retratada pelos alunos da Escola de Professores de Curitiba. Que vai desde justificativas sobre a escolha da professora como patrona, até a transcrição completa das festividades de aniversário do Centro de Cultura D. Júlia Wanderley, incluindo um discurso do aluno e diretor do jornal daquela edição. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, que possibilitou identificar no jornal elementos que permitem reconhecer que a professora esteve à frente do seu tempo, lutou e conquistou seu espaço, em um período predominantemente dominado pelos homens, uma trajetória de vida que após a sua morte foi transformada em um exemplo de mulher/educadora, que vinha ao encontro com os ideais republicanos e com a necessidade de construir uma identidade feminina no Paraná.

Palavras-chaves: História da Educação, Júlia Wanderley, Jornal.

Júlia Wanderley: the newspaper reinforcing an ideal of women in the teaching profession of Paraná

Abstract: This text aims to present and problematize through some notes published in the newspaper A Voz da Escola in 1941, the way in which teacher Júlia Wanderley was portrayed by the students of the School of Teachers of Curitiba. Which ranges from justifications about the choice of the teacher as patron, to the complete transcription of the anniversary festivities of the D. Júlia Wanderley Culture Center, including a speech by the student and director of the newspaper of that edition. It is a bibliographic and documentary research, which made it possible to identify in the newspaper elements that allow us to recognize that the teacher was ahead of her time, fought and conquered her space, in a period predominantly dominated by men, a life trajectory that after her death was transformed into an example of a woman/educator who came to meet republican ideals and the need to build a feminine identity in Paraná.

Keywords: History of Education, Júlia Wanderley, Newspaper.

Introdução

Em pesquisas empreendidas anteriormente acerca do arquivo pessoal do professor Durval Pinto, - docente que atuou no norte do Paraná entre os anos de 1947 e 1985 - foi possível encontrar uma grande quantidade de material relacionado a educação, tanto de quando foi aluno, quanto do período em que atuou nas escolas públicas paranaenses, um

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Londrina. sipialarissi@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2181-3310>.

² Professora Associada do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina. prof.simone@uel.br <https://orcid.org/0000-0002-8766-8331>.

material singular que resultou na dissertação de Mestrado defendida por uma das autoras em 2023, intitulada “O arquivo pessoal de Durval Pinto: o movimento de renovação da formação dos professores primários do Paraná nas primeiras décadas do século XX”. E entre tantos documentos guardados, localizamos alguns exemplares do Jornal A Voz da Escola do ano de 1939 a 1944, período em que o professor frequentou a Escola de Professores de Curitiba.

O jornal, fundado em 1936, era produzido por alunos e apresenta temas relacionados à educação. Fazia parte do Órgão Interno do Centro de Cultura D. Júlia Wanderley, um grêmio estudantil criado em 27 de abril de 1936 (A Voz da Escola, 1940, p.7), por Erasmo Pilotto, enquanto foi Assistente Técnico da escola, um espaço paralelo à Escola de Professores de Curitiba que tinha como objetivo “educar através da cultura e da autonomia” (Silva, 2019, p. 707).

Ao analisar o jornal foi possível perceber que entre tantos assuntos relacionados à educação, a professora Júlia Wanderley - escolhida como patrona do Centro de Cultura - sempre foi lembrada com admiração, principalmente na data de aniversário de fundação. Nessa perspectiva, temos como objetivo apresentar e problematizar por meio dessas notas publicadas no jornal A Voz da Escola, de abril e maio de 1941, o modo como a professora Júlia Wanderley foi retratada, que vai desde justificativas sobre a escolha da professora como patrona, até a transcrição completa das festividades de aniversário do Centro de Cultura D. Júlia Wanderley, incluindo um discurso do aluno e diretor do jornal daquela edição. Uma professora normalista que ainda hoje é reconhecida por todo o estado do Paraná, e, é foco desta investigação.

Tal fato, nos levou a nos questionar sobre: O que essa mulher/educadora representou em seu tempo, para haver a necessidade de mantê-la viva na memória da população paranaense e dos professores que se formavam na Escola de Professores de Curitiba? Justificamos nosso interesse pela temática, por Júlia Wanderley ser uma mulher que lutou e conquistou seu espaço, em um período predominantemente dominado pelos homens, e falar sobre essa educadora no curso de formação de professores normalistas foi fundamental para fortalecer o papel da mulher no magistério, portanto, uma “memória socialmente construída” (Pollak, 1992, p. 207).

Para isso o trabalho foi realizado por meio de revisão bibliográfica, pautado em autores que desenvolveram estudos sobre a trajetória de Júlia Wanderley, como Araújo (2010), Nascimento; Sousa (2011), Sousa (2013), Silva (2016; 2019), Stentzler; Araújo; Marques (2021), sobre memória e identidade social com Michael Pollak (1992), e como

fonte documental foi utilizado o jornal *A Voz da Escola* localizado no arquivo pessoal do professor Durval Pinto que pertence a Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR - Campus Apucarana.

Conforme analisa Barros (2023, p. 23), o historiador nunca vai até um jornal de uma outra época, apenas para buscar informações, mas sim para buscar discursos, para “aprender a ler nas entrelinhas, perceber os seus silêncios, os seus entreditos e interditos [...] compreender os autores sociais que estão por trás do texto”, assim como, seu lugar de produção. E foi a partir desse pensamento, que buscamos conhecer a trajetória da professora Júlia Augusta de Souza Wanderley, mais popularizada como D. Júlia Wanderley.

Júlia Wanderley: modelo de educadora

Júlia Wanderley nasceu em 1874 na cidade de Ponta Grossa/PR e mudou com a sua família para a capital Curitiba em 1877, foi educada com professores particulares e frequentou escolas, “imponentes e com professores ilustres, representantes legítimos da burguesia local” (Sousa, 2013, p. 31) e nessas escolas manteve amizade com a elite curitibana. Certamente, uma educação restrita e elitizada, de acesso a uma pequena parte da população.

Ademais, foi a primeira mulher a frequentar presencialmente o curso Normal na capital Curitiba/PR, apesar de que, Luiza Cândida Saldanha já havia sido a primeira a receber o diploma de professora normalista em 1884, período em que as mulheres precisavam estudar em casa para depois prestar um exame, e se aprovada, receber o diploma (Araújo, 2010). Sem dúvidas, para as mulheres da época, esta “era uma atividade que permitia uma certa liberdade e, ainda, a possibilidade de adquirir conhecimentos” (Vilela, 2007, p. 122).

De acordo com Araújo (2010), para ingressar no Curso Normal Júlia Wanderley recorreu ao Monsenhor Alberto José Gonçalves, que era Diretor do Instituto Paranaense, da Escola Normal e Diretor Geral da Instrução Pública, um membro do governo, representante da Igreja Católica que ocupava naquele período uma posição de prestígio. Por conseguinte, Júlia Wanderley conseguiu frequentar a Escola Normal ao lado de três mulheres: Maria Rosa Gomes, Isabel Guimarães e Cândida Nascimento, e três homens: Ernesto Luís de Oliveira, Veríssimo de Souza e Lourenço de Souza, no qual, Júlia e Ernesto se destacaram com as melhores notas para a aprovação. Assim, em fevereiro de

1891 ocorreu a “primeira manifestação oficial de fato para o ingresso de mulheres a Escola Normal” (Nascimento; Sousa, 2011, p. 269), um período em que o Brasil passava por um crescimento urbano e industrial, e a capital Curitiba estava em pleno desenvolvimento, graças ao cultivo da erva-mate e sua expansão a partir da melhoria das estradas rodoviárias e da construção da estrada de ferro.

Nessa perspectiva, o governo republicano precisava modernizar o país, e consequentemente, ampliar a educação primária, visando atrair mais pessoas para o magistério. E a mulher que tinha a função “regeneradora da humanidade” (Araújo, 2010, p. 34) passou a se interessar pela profissão, já os homens aceitavam o cargo quando não tinham outra opção mais lucrativa (Araújo, 2010).

Sob essa ótica, logo após formar a primeira turma mista em 1893, as professoras já seriam contratadas, e:

Julia Wanderley, como outras moças de sua época, por convicção na importância da educação e/ou por necessidade financeira, aproveitou o espaço profissional representado pelo magistério, espaço cada vez mais reconhecido e valorizado socialmente como próprio da mulher ‘do bem’, que poderia assim colaborar com a família, no sustento da casa, e com a sociedade, através da educação dos futuros cidadãos (Araújo, 2010, p. 76).

De acordo com Nascimento e Sousa (2011, p. 273), Júlia Wanderley tinha formação católica e idéias socialistas “adotou o pseudônimo de Augusta de Souza para assinar muitos artigos. Não há registros se aquela atitude foi determinada por modéstia ou por constrangimento imposto pelos preconceitos da época que não admitiam a participação da mulher na vida política”, contribuiu com os jornais da época, discutindo temas relacionados às questões sociais e divulgou doutrinas, em 1915 se tornou Membro do Conselho Superior do Ensino Primário, e foi “designada professora e diretora da Escola Intermediária, cujo curso daria as diplomadas matriculadas na Escola Normal” (Nascimento; Sousa, 2011, p. 273).

Em agosto de 1917 a professora Júlia Wanderley adoeceu gravemente e passou por uma cirurgia, por isso, se afastou de suas funções, passados alguns meses, mais especificamente no dia 5 de abril de 1918, faleceu por neoplasma pélvico, um tipo de câncer uterino, foi sepultada no Cemitério Municipal de São Francisco de Paula, em Curitiba. Entretanto, mesmo que sua vida tenha sido interrompida bruscamente, Júlia Wanderley viveu seus 44 anos de idade em um período “permeado por inúmeras

mudanças, como a do trabalho escravo para o trabalho livre, a mudança de regime imperialista para o Republicano, o desenvolvimento industrial" (Sousa, 2013, p. 33).

Assim como, a necessidade de mudanças e de consolidar novas práticas, como à entrada da mulher no magistério. Logo, além de ocupar diferentes cargos na área da educação, foi também a primeira professora normalista a ocupar o cargo de diretora em uma escola pública no Paraná. Com uma trajetória profissional curta, já que se formou em 1892 e faleceu em 1918, teve "significativa importância para se entender uma identidade feminina na época em que viveu" (Araújo, 2010, p. 23).

Logo após a sua morte, iniciou-se às mais diversas formas de homenagens, sua morte foi noticiada não só nos jornais curitibanos, mas em todo o Paraná, como o jornal Commercio do Paraná, o Diário da Tarde, A República, e no mesmo ano foi divulgado a organização de uma brochura em homenagem a professora, intitulado "Julia Wanderley – homenagem" que finalizado, foi amplamente divulgado nos periódicos do estado. Por conseguinte, ocorreu a inauguração de monumentos, bustos, medalhões, escolas, e ruas receberam o nome da professora, ela foi lembrada de forma impressa e falada, em missas, festivais e visitas ao cemitério em que foi enterrada. E no nosso caso, no jornal escolar A Voz da Escola, um jornal direcionado aos futuros professores normalistas que estavam se formando na Escola de Professores de Curitiba.

Conforme analisa Sousa (2013), a imprensa foi fundamental para disseminar e consolidar Júlia Wanderley como um modelo de educadora, um veículo eficiente na efetivação do ideário republicano, apresentou-se como uma ferramenta de divulgação a serviço de uma elite letrada que comungava do mesmo projeto ideológico e que dominava este meio que esteve historicamente no Paraná vinculado ao Estado (Sousa, 2013, p. 58).

Logo,

a importância dada a sua bondade e seu sentimento maternal é recorrente nos textos escritos sobre Julia Wanderley, são adjetivos que sempre acompanharam os comentários sobre a professora e que a remetiam tanto ao ideal de mulher republicana, quanto a um modelo católico de mulher (Araújo, 2010, p. 33).

Dessa forma, em relação às ideias propostas, é possível dizer que Júlia Wanderley não foi a única em sua época, mas após a sua morte, foi relembrada sempre como uma representante da feminização do magistério e como a primeira mulher a frequentar presencialmente uma escola mista, um exemplo de mulher, mãe e educadora que foi construída socialmente para ser seguida e admirada.

O jornal a voz da escola

Em 2020, foi localizado no Museu já desativado da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR – Campus Apucarana o arquivo pessoal do professor Durval Pinto, e após fazer um levantamento dos materiais, foi possível observar que tratava-se de um arquivo constituído, em grande parte, por materiais relacionados a educação, como: cadernos escolares, livros, fotografias, certificados, jornais e documentos pessoais, principalmente do período em que Durval Pinto foi aluno da Escola de Professores de Curitiba entre 1942 e 1944. Um material ímpar, que abre um leque de possibilidades de pesquisa no campo da História da Educação no Paraná.

Nesse contexto, localizamos no arquivo alguns exemplares de um jornal escolar intitulado: “A Voz da Escola”. Esse jornal era produzido por alunos e ex-alunos da Escola de Professores de Curitiba, e tratava de assuntos relacionados à educação e as mudanças que vinha ocorrendo no período, principalmente com o movimento escolanovista. O jornal foi criado em 1936, sua tiragem dependia diretamente da participação dos alunos, e por isso muitas vezes era interrompida.

Como exemplo, temos uma edição de abril de 1939 e outra que foi publicada em novembro do mesmo ano, a próxima edição saiu apenas em março de 1940, e a seguinte em abril, tal fato pode ser observado a partir do ano e do número da tiragem que está impresso na primeira página do jornal, vindo afirmar que não havia um intervalo regular entre as publicações. Do mesmo modo, ao folhear o jornal foi possível identificar que ele era patrocinado pelo grêmio estudantil: Centro de Cultura D. Júlia Wanderley, e que em algumas publicações do aniversário de fundação do Centro de Cultura, haviam homenagens à patrona.

Na edição de abril de 1940, localizamos uma pequena nota sobre o aniversário do Centro, um convite, no qual expressa que todos os anos havia um programa a ser seguido e que incluía homenagens a professora Júlia Wanderley:

O Centro de Cultura Dna. Júlia Wanderley da Escola de Professores, comemorando a 27 do corrente o 4º aniversário de sua fundação, organizou, para esse dia, um esmerado programa que constituir-se-á do seguinte: pela manhã, visita das alunas da Escola de Professores a herma e ao jazigo de Dna. Júlia; a tarde sessão lítero artística, no salão nobre daquele estabelecimento; a noite, sarau na sociedade C. F. Jahn. Para essas solenidades convidamos, os alunos atuais, ex alunos, professores e suas excellentíssimas famílias (A Voz da Escola, 1940, p.7).

Já na primeira página da edição de abril de 1941 como podemos observar na Figura 1, há uma fotografia da professora Júlia Wanderley e um texto em comemoração ao 5º Aniversário do Centro de Cultura, no segundo parágrafo é possível notar o orgulho que sentiam em tê-la escolhido como patrona.

A idéia concretizava-se imediatamente após a sua ditosa concepção, elegendo-se para patrono da novel agremiação pedagógico-estudantil, o vulto inconfundível de Júlia Wanderley, cujos dignificantes exemplos de virtude e de labor resplandecem nas mais belas páginas do livro do magistério paranaense. [...] E os nossos corações, presos todos pelos mesmos laços, palpitando pelo mesmo ideal, sentem-se como que arrastados, para dar, cada um, o máximo dos seus esforços em prol de uma condigna comemoração dessa data que é também a nossa (A Voz da Escola, 1941, p. 1).

Figura 1: Primeira página do jornal A Voz da Escola (1941)



Fonte: Arquivo Pessoal de Durval Pinto (UNESPAR Campus-Apucarana)

Por conseguinte, na edição de maio, foi descrito detalhadamente todo o transcurso do festejo que ocorreu em abril, no qual: às 9hs do dia 27, um grande número de alunos se reuniram em frente ao prédio da escola de Professores e seguiram em romaria até o túmulo de Júlia Wanderley, além dos alunos, estava presente Osvaldo Pilotto diretor da Escola de Professores e seu primo Erasmo Pilotto que era Assistente Técnico e fundador do Centro de Cultura, chegando ao túmulo, depositaram uma coroa de flores naturais.

Erasmo Pilotto foi um intelectual que teve participação ativa na esfera pública paranaense, produziu formas de pensar que ainda hoje repercutem intensamente, da “pedagogia às artes plásticas, da filosofia à literatura [...] ele se notabilizou pelos estudos e pelas suas realizações no campo da cultura paranaense em geral e particularmente, no âmbito da organização da escola pública e da formação de professores” (Vieira, 2001, p. 54). Seu envolvimento com a educação pública foi intenso, de professor primário à Secretário de Estado de Educação e Cultura, participou da criação de diferentes centros de cultura, como o caso do Centro de Cultura D. Júlia Wanderley, e todos esses círculos de cultura visavam “formar intelectuais comprometidos com a renovação das práticas e das teorias pedagógicas” (Vieira, 2001, p. 61).

Seguindo a programação de aniversário, às 10hs no salão da Escola Normal ocorreu a inauguração do Teatro Infantil, sob a orientação da professora Ondina Casagrande, do Clube de Trabalhos Manuais, que foi confiado aos alunos Eloisa Greca e Nicolau Chaiben, e do Curso sobre “Beethoweu³” cuja aula inicial foi ministrada pela aluna Maria de Lourdes Amorin. É possível observar durante o transcurso dos festejos de aniversário como a cultura era valorizada, e esse era um dos objetivos do Centro, superar a deficiência da educação, em que “a cultura assumiria nesse contexto o papel de formadora do espírito humano, sendo sua dimensão maior que a escolar” (Silva, 2019, p. 707).

As 15hs, também no salão nobre, foi organizado um festival lítero-musical, o presidente do centro abriu o evento e “teceu louvores em torno do nome da maior professora paranaense”, em seguida um contemporâneo de Júlia Wanderley falou sobre aquele vulto e no final do dia as festividades “encerraram-se com delicada e concorridíssima tarde de dansas nos aristocráticos salões da Sociedade Jahn” (A Voz da Escola, 1941, p. 1).

³ Optamos por manter a escrita original registrada no jornal.

E toda essa valorização dada a professora Júlia Wanderley, surgiu dentro do movimento paranista, que tinha como objetivo “escrever uma história, delinear a arte e os mitos próprios do Paraná, um estado novo que ainda estava carente de identidade própria”, ademais, “retratar Julia Wanderley que teria lutado pela sua emancipação, e pela atuação da mulher no magistério, significava associá-la, mesmo que não declaradamente, ao movimento feminista que desenhava desde o século XIX na Europa e que havia ganhado importantes adeptas e adeptos também no Brasil (Araújo, 2010, p. 131).

Portanto, a Escola Normal que inicialmente formava apenas homens, passou a aceitar mulheres e reconhecê-las como mais bem dotadas para trabalhar com o ensino primário. Entretanto, essa inserção acarretou em algumas mudanças, principalmente em relação ao currículo, com a criação de disciplinas direcionadas aos afazeres domésticos e cuidados com a família. Um período de “feminização do magistério, que em particular no Paraná foi iniciada por meio da postura de Júlia Wanderley para se matricular na Escola Normal de Curitiba” (Stentzler; Araújo; Marques, 2021, p. 161).

O discurso

Em meio ao transcurso dos festejos comemorativos que foram registrados na primeira página do jornal de maio de 1941 e citado acima, localizamos na mesma edição, - mas na página número 8 - um discurso que ocupa quase a página toda do jornal, intitulado: Discurso pronunciado na sessão comemorativa do 5.o aniversário do Centro de Cultura Júlia Wanderley (27-V-941), pelo professorando Milton Marques de Oliveira, que naquele momento era o presidente do centro cultural.

O discurso apresenta Júlia Wanderley como um exemplo de mulher que lutou contra o meio em que viveu e esteve sempre em busca de um ideal. Esses foram os pontos principais do discurso segundo um trecho registrado no jornal: “Eu quero me referir à beleza do seu ideal e à grandeza de sua vida na luta contra o meio ambiente. Sejam estes, pois, os traços marcantes e principais do meu discurso”.

O ideal foi descrito como a verdadeira vida, como algo decisivo no destino do homem, como algo que o imortaliza, e destaca que “Júlia Wanderley foi magnífica na beleza de seu ideal, magnífica na luta pela causa da liberdade do aperfeiçoamento da mulher; magnífica nos ideais que lançou”.

Em seguida, citou como esse ideal foi mantido por Júlia Wanderley na luta contra o meio, pois:

Vivendo num meio ingrato, em que as intrigas campeava, os sarcasmos, as ironias e as sátiiras eram gotas de venenos amalgamadas de ódios, invejas e despeitos, viu sua atividade empreendedora quase tolhida pela mesquinhez do meio que a rodeava, pela incompreensão dos que a cercavam. Entretanto, não esmorecia, nem se deixava vencer porque sua força, sua vida era o seu Ideal que reverbercia no esplendor fecundo de sua psiqué de apostola (A Voz da Escola, 1941, p. 8).

Segundo o discurso Júlia Wanderley viveu em período em que a mulher sofria preconceito e humilhação em relação aos seus valores intelectuais e morais, um meio hostil, que procurava limitar e diminuir seu valor. E mesmo sabendo que a professora frequentou os mesmos colégios da elite curitibana, é relevante lembrar que ela viveu em um contexto que “se constituía de uma sociedade cujos os preconceitos sobre o papel específico da mulher eram evidentes, não só como mulher, mas sobretudo com a origem dos alunos” (Sousa, 2013, p. 32).

Do mesmo modo, foi registrado que era inevitável tal vida para uma professora que vivia a frente do seu tempo, e que viveu entre guerrilhas e emboscadas, “pois que os espíritos fecundos e brilhantes devem repartir a missão de sua existência entre a luta pelo Ideal e as condições de meio diferente e hostil que lhes procura diminuir o valor, apoucando os seus merecimentos” (A Voz da Escola, 1941, p.8).

Nesse discurso, não faltaram adjetivos para falar de Júlia Wanderley, principalmente como mulher/educadora:

sua missão ela cumpriu com honra e brilho, deixando-nos com a traça indelével de sua atuação, com o exemplo fulgurante e luminoso de mestra impecável, um monumento mais duradouro que o bronze, que nem as chuvas nem os ventos, nem tão pouco a inclemência implacável dos anos poderão destruir: a difusão universal do ensino, a elevação intelectual e moral da mulher (A Voz da Escola, 1941, p. 8).

O discurso de Milton Marques de Oliveira vem reafirmar os ideais republicanos que “visavam consolidar o mito de Júlia Wanderley a figura da mulher, associada à educação, aquela que conduziria ao saber” (Sousa, 2013, p. 56). Motivo pelo qual ocorreu um esforço para transformá-la em:

uma espécie de apóstola da educação, na tentativa de construir um modelo a ser seguido, uma ‘heroína paranaense’, uma ‘legítima’ representante da educação do Paraná. Houve uma intenção de popularizar os seus feitos e consolidar o ideário de uma minoria para a construção de uma identidade profissional docente, um mito criado com

objetivo de efetivação do projeto republicano para a educação paranaense (Sousa, 2013, p. 56).

Logo, “respeitada em vida como a primeira mulher a frequentar presencialmente o curso normal em Curitiba, como professora dedicada e culta, a morte de Júlia Wanderley fez tais predicados tornarem-se superlativos” (Araújo, 2010, p. 137). Milton Marques de Oliveira finaliza o seu discurso defendendo que se Júlia Wanderley retornasse naquele momento, ficaria surpresa por ver sua glorificação, e exaltação simbólica de seu nome, pois, jamais sonhou com a imortalidade de seu nome, e nem com a realização concreta da obra que eligiu e que ficou imortalizada na liberdade da mulher em se aperfeiçoar-se intelectualmente.

Por essa perspectiva, podemos perceber como o jornal *A Voz da Escola* cumpriu a sua função não só de transmissor de informações, mas também, como formador de opinião que vai de encontro aos interesses de um grupo específico.

Conclusão

Neste trabalho foi possível apresentar e problematizar, como a professora Júlia Wanderley foi retratada no jornal *A Voz da Escola*, nas edições de abril e maio de 1941, e acompanhar as homenagens que foram feitas à patrona do Centro de Cultura D. Júlia Wanderley no aniversário do grêmio estudantil. Pois, fazer do jornal “uma fonte histórica é uma escolha e, uma vez feita essa opção, é preciso entender que a imprensa é uma linguagem constitutiva do social e detém um caráter histórico, além de particularidades próprias” (Leite, 2016, p. 15).

Uma mulher que foi à frente do seu tempo, que lutou e conquistou seu espaço em uma profissão que naquele período era predominantemente dominada pelos homens. Uma trajetória de vida que após a sua morte foi transformada em um exemplo de mulher/educadora, que vinha de encontro com os ideais republicanos e com a necessidade de construir uma identidade feminina no Paraná.

Portanto, conscientes de que o jornal além de transmitir informações ele também é formador de opiniões, o jornal *A Voz da Escola* foi naquele momento uma ferramenta que utilizou a figura da professora para propagar seus interesses, e reforçou o modelo de mulher a ser seguido pelas professoras que estavam se formando e que levariam para todo o vasto território paranaense uma educação pautada em valores morais, cívicos e patrióticos.

Do final do século XIX para o início do século XX, a profissão docente que era quase que exclusivamente masculina “tornar-se-ia prioritariamente feminina, sendo que a formação profissional possibilitada por essas escolas teria papel fundamental na luta das mulheres pelo acesso a um trabalho digno e remunerado” (Vilela, 2007, p. 119). Vale ressaltar, que talvez “a nova professora que emerge no final do século XIX seja, exatamente, a consciência de uma necessidade - a da conquista de uma identidade profissional” (Vilela, 2007, p. 131).

Enfim, sendo intencional ou não, - já que o Paraná naquele período estava em busca de criar sua própria identidade - notamos que em todos os discursos localizados no jornal escolar, não faltaram adjetivos para se referir a Júlia Wanderley como um exemplo de educadora e precursora da feminização do magistério paranaense.

Referências

ARAÚJO, Silvete Aparecida Crippa de. Professora **Júlia Wanderley, uma mulher-mito (1874-1918)**. Curitiba, 2010, 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Disponível em: [Professora Julia Wanderley, uma mulher-mito \(1874 - 1918\) \(ufpr.br\)](http://www.ufpr.br) Acesso em: 13 out. 2024.

BARROS, José D'Assunção. **O jornal como fonte histórica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

LEITE, Valéria de Jesus. A imprensa e a memória: os trabalhadores do norte de Minas entre o (des) envolvimento e o progresso. In: RODRIGUES, Rejane Meireles do Amaral (org.). **A história na imprensa, a imprensa na história**. 1 ed. - Jundiaí (SP): Paco, 2016.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura; SOUSA, Nilvan Laurindo. A Escola Normal de Curitiba e o pioneirismo de Júlia Wanderley. **Revista Histedbr On-line**, Campinas, n. 42, p. 265-278, jun. 2011.

NOGUEIRA, Adálcia Canedo da Silva. **Marcos possíveis para reconstruir a história da instituição escolar Júlia de Souza Wanderley: a primeira escola de formação de professores de Cornélio Procópio - PR (1953-1967)**. Dissertação (Mestrado em Educação), Londrina, 2012. 199 f. Disponível em: [Microsoft Word - DISSERTAÇÃO ADÁLCIA CANEDO DA SILVA NOGEIRA.doc \(uel.br\)](http://www.uel.br) Acesso em: 13 out. 2024.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

SILVA, Rossano. As concepções educacionais de Erasmo Pilotto sobre a formação de professores nos cursos normais regionais. *Rev. Bras. Hist. da Educação*, Maringá-PR, v. 16, n. 4 (43), p. 333-363, out./dez. 2016.

SILVA, Rossano. A obra Prática da Escola Serena: autoeducação e formação cultural como princípios educativos. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 19, n. 61, p. 688-709, abr./jun. 2019. Disponível em: [Instituições escolares: discursos e experiências de inovação pedagógica na escolarização primária no século XX \(fcc.org.br\)](http://instituicoes.escolares:discursos.eexperienciasdeinovacaopedagogicanaescolarizacaoprimaria.no.sculo.XX(fcc.org.br)) Acesso em: 14 out. 2024.

STENTZLER, Marcia Marlene; ARAÚJO, Elaine Maestre Polido de; MARQUES, Luiz Felipe. A normalista Júlia Wanderley: decisão, sensibilidade e necessidades sociais. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 25, n. 1, p. 149-167, 2021. Disponível em: [A normalista Julia Wanderley: decisão, sensibilidade e necessidades sociais | Revista on line de Política e Gestão Educacional \(unesp.br\)](http://www.unesp.br/revistas/politica/25-1/149-167.pdf)
Acesso em: 18 set. 2024.

VIEIRA, Carlos Eduardo. O Movimento pela Escola Nova no Paraná: trajetória e idéias educativas de Erasmo Pilotto. **Educar**, Curitiba, n. 18, p. 53-73. 2001. Editora da UTFPR. Disponível em: [SciELO - Brasil - O Movimento pela Escola Nova no Paraná: trajetória e idéias educativas de Erasmo Pilotto](https://doi.org/10.1590/0103-6533.v18n18.1000) Acesso em: 10 out. 2024.

VILELA, Heloisa de O. S. O mestre-escola e a professora. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**, 3 ed. 1 reimp., Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Submissão: 20/10/2024. Aprovação: 18/08/2025. Publicação: 29/08/2025.